

ASTROLOGIA E PRÁTICAS DE ADIVINHAÇÃO

A palavra "astrologia" significa «ciência dos astros». De facto, designa-se como uma ciência que presume determinar as várias influências que os astros exercem sobre o homem.

São Tomás de Aquino afirmava que: *«É verdade que os corpos celestes, em particular a lua, exercem um influxo sobre a natureza (basta pensar como os agricultores levam isso em conta para semear ou para o decantar o vinho). Os astros podem influir sobre outros fatores meteorológicos, também sobre o humor das pessoas e sobre outros eventos, como o parto, mas não podem exercer uma influência direta sobre o intelecto e a vontade»* (St. Thomas, Suma Theologica, I-II, 9, 5). *«O homem, de fato, tem a faculdade de julgar e refletir sobre tudo o que pode fazer, tanto no uso das coisas externas, como em secundar ou rejeitar as paixões internas; tudo isso seria inútil se nossa vontade fosse causada pelos astros e não pela nossa capacidade. Portanto, não é possível que os astros sejam a causa de nossa escolha voluntária»* (St. Thomas, Summa contra gentiles, III, 85).

Portanto, os astros têm uma influência sobre a natureza, mas não sobre a vontade dos seres humanos. Não podem determinar o caráter das pessoas, as suas escolhas e as suas ações, nem os acontecimentos da história. Segundo a astrologia o nosso destino seria estabelecido pelos astros, o nega abertamente a liberdade humana.

A Igreja Católica desde os tempos antigos a exprimiu claramente a sua condenação. O Concílio de Toledo, Espanha (do ano 397) declarava: *«Se alguém pensa que se deve acreditar na astrologia, seja um anátema»* (DS 205). A Igreja referia-se a uma mentalidade bastante difusa naquele tempo (e também hoje) segundo a qual são os astros - e não o nosso livre arbítrio - a conduzir as nossa vida.

Santo Agostinho (354-430), arrependido por ter recorrido aos astrólogos, antes da sua conversão, faz a seguinte observação: *«Eu não cessava de consultar esses embusteiros denominados astrólogos que pretendiam adivinhar o futuro. Todas as práticas desse gênero são coerentemente rejeitadas e condenadas pela verdadeira piedade cristã. Estes impostores procuram destruir o plano de salvação de Deus, dizendo: “Pecar é inevitável, e a causa vem do céu. Seria obra de Vênus, de Saturno, ou de Marte”. Com isso, querem inocentar o homem, que é carne, sangue e orgulhosa podridão; a culpa recairia sobre o criador e ordenador do céu e dos astros»*. (Santo Agostinho, Confissões, IV, 3). O pecado não seria fruto da nossa liberdade humana, das nossas escolhas erradas, mas da posição dos astros. Seriam os astros a causa desta ou daquela ação, os homens não teriam nenhuma culpa. E, como diz, Santo Agostinho, dar a culpa aos astros é como dar a culpa a próprio Deus que os criou.

Karl H. PESCHKE, famoso professor da Universidade Urbaniana de Roma, escreve o seguinte: «A astrologia científica com suas classificações grosseiras segundo as constelações nunca poderá ser capaz de dar um horóscopo verdadeiramente individual, adaptado a cada pessoa. As posições das estrelas, para todos os que nasceram aproximadamente no mesmo tempo, são sempre as mesmas, o que deveria produzir o mesmo horóscopo e, conseqüentemente, o mesmo destino para todos. Dezenas de pessoas têm o mesmo horóscopo de Napoleão, Goethe ou Gandhi. Mas qual deles teve os mesmos talentos ou o mesmo destino? Isso não pode ser verdade nem mesmo para os gêmeos» (Karl H. PESCHKE, *Ética cristiana*, Vol. 2, Urbaniana press, Roma 1990, p. 145).

O horóscopo, para muitos, é uma moda, simplesmente um jogo, mas para outros é realidade. É triste observar como certas pessoas fazem depender as suas decisões da leitura do signo zodiacal. Poderíamos dizer que se trata de pessoas secularizadas que não acreditam em Deus ou que não praticam a religião, mas, não são raros os casos de crentes – talvez pouco praticantes - que acham lícito conciliar religião e superstição. Para estes é particularmente válido o que diz São Paulo: «Embora se declarem sábios, tornaram-se tolos» (Rm 1,22).

Outras pessoas se considerem bons cristãos apesar de acreditarem cegamente nos astros e nas características dos signos. Estes construíram-se um alibi de ferro, isto é, que a astrologia seja substancialmente inócua e útil. Em vez disso, deveriam compreender que quanto mais a consideram inócua tanto mais se tornam culpados, pois tal crença obscurece a consciência e impede à luz divina de entrar nelas e as iluminar. Tais pessoas, em lugar de deixar-se conduzir pela Palavra de Deus, seguem os astros, perdendo gradualmente a capacidade de discernir o que está certo e o que está errado.

Há pessoas que se tornaram tão escravas do horóscopo que nem sequer empreendem uma conversação sem primeiro ter investigado o signo zodiacal da pessoa com a qual estão a relacionar-se.

A astrologia parece um joguinho aparentemente inócua e inofensivo, mas causa enormes danos, não apenas porque cria uma dependência doentia do horóscopo diário do rádio ou dos jornais, mas também, porque obscurece a consciência e o sentido da responsabilidade pessoal, pois nega a qualidade mais importante do ser humano, o livre arbítrio. Desta forma, quem não assume a responsabilidade das suas escolhas, fecha-se numa vida egoísta, perde o sentido do pecado e a capacidade de distinguir o bem do mal.

Esquece-se que estamos neste mundo, não para evitar a má sorte e ter fortuna e bons êxitos, mas para cumprir a vontade de Deus, ama-LO acima de todas as coisas e amar o próximo como a nós próprios.

Esquece-se que ao fim da nossa vida haverá um juízo particular, onde cada uma será julgada segundo as suas obras e, a seguir o Paraíso, o Purgatório ou Inferno. A salvação eterna não é uma pré-garantia, mas depende das escolhas que realizamos ao longo da nossa vida terrena. O sábio Bem Sirah ensinava a fazer o bem e meditar sobre a brevidade da nossa vida terrena: «*Em todas as tuas obras, lembra-te do teu fim e jamais haverás de pecar*» (Sir 7,36). Podemos traduzir tal exortação de forma mais atualizada: «*Em todas as tuas obras, lembra-te dos novíssimos (Juízo, Paraíso e Inferno) e deixarás de pecar*».

O Catecismo da Igreja Católica condena sem nenhuma hesitação a astrologia porque se opõe ao reconhecimento do domínio absoluto de Deus sobre a nossa vida. Aqui está o texto:

«*Todas as formas de adivinhação devem ser rejeitadas: recurso a Satanás ou aos demónios, evocação dos mortos ou outras práticas supostamente «reveladoras» do futuro. (Catecismo da Igreja Católica, 2116) A consulta dos horóscopos, a astrologia, a quiromancia, a interpretação de presságios e de sortes, os fenómenos de vidência, o recurso aos “médiums”, tudo isso encerra uma vontade de dominar o tempo, a história e, finalmente, os homens, ao mesmo tempo que é um desejo de conluio com os poderes ocultos. Todas essas práticas estão em contradição com a honra e o respeito, penetrados de temor amoroso, que devemos a Deus e só a Ele*» (CIC 2116).

«*Deus pode revelar o futuro aos seus profetas ou a outros santos. Mas a atitude certa do cristão consiste em pôr-se com confiança nas mãos da Providência, em tudo quanto se refere ao futuro, e em pôr de parte toda a curiosidade malsã a tal propósito. A imprevidência, no entanto, pode constituir uma falta de responsabilidade*» (CIC 2115).

O fato de que, às vezes, os respostas dos adivinhos correspondam à verdade, não significa que o meio utilizado seja lícito. O fim não justifica os meios. São Paulo adverte que o diabo muitas vezes se disfarça de anjo de luz: «*Esses tais são falsos apóstolos, obreiros fraudulentos, disfarçados de apóstolos de Cristo. E não é de estranhar! Também Satanás se disfarça em anjo de luz!*» (cf 2Cor 11,14).

Recorrer à astrologia sabendo que Deus e a Igreja a condenam, significa entregar a própria vida nas mãos de outras forças, que não são aquelas divinas. Se alguém vos perguntar qual é o vosso signo, deveis responder: «o meu único signo de reconhecimento é Jesus Cristo».

Estudo elaborado por Padre Leone Orlando

Cfr. Simone Iuliano, *Manuale di Demonologia*, Ed. Yocaprint